

SISTEMA FAEP



BOLETIM

INFORMATIVO

A revista do Sistema

Ano XXIV nº 1312 - 03/08/2015 a 09/08/2015

Tiragem desta edição 25.000 exemplares



O POTENCIAL DA PISCICULTURA NO PARANÁ

PEDÁGIO

Anel de Integração,
prioridade para o PR

HISTÓRIA

O Adeus a
Hélio Teixeira

CAPACITAÇÃO

O Projeto Político
Pedagógico do SENAR -PR

Aos Leitores

No Paraná, a produção de pescados está em crescimento intenso. Entre 2012 e 2014 o aumento foi de 39%. A atividade está bastante concentrada no Oeste do Estado e tem na tilápia seu carro-chefe.

É uma opção para quem está buscando a diversificação e o melhor aproveitamento da propriedade. Em 2014, o consumo de pescados nacionais e importados no Brasil foi de 1,7 milhão de toneladas, enquanto a produção brasileira foi de 685 mil toneladas. Ainda há muito a explorar conforme mostra a matéria de capa a partir da página 04.

Nesta edição, o artigo “Anel de Integração, prioridade para o Paraná” mostra a firme posição da FAEP no artigo do presidente, Ágide Meneguette, publicado no jornal Gazeta do Povo.

Ágide afirma que “Os olhos do governo federal estão voltados para a construção de rodovias e ferrovias para escoar a produção das regiões Centro-Oeste e Norte do país. Para o Paraná é estratégica a renovação da delegação do governo federal dos 1.830 km de rodovias que pertencem à União”.

Somos os maiores interessados em buscar uma solução para a questão. Precisamos de um debate racional. Por que esperar que mais sete anos se passem se podemos tentar uma solução agora?

Os profissionais do SENAR-PR deram o pontapé inicial para a construção de um Projeto Político Pedagógico que dará a diretriz da instituição ao menos na próxima década.

Ainda nesta edição, a nossa homenagem àquele que nos últimos quase sete anos renovou e inovou nas páginas deste “glorioso rotativo”, como ele mesmo carinhosamente chamava este Boletim. Hélio Teixeira entrou para as páginas de História.

Índice

Seguro Rural	03
Piscicultura	04
Pedágio	08
História - Hélio Teixeira	10
Mulher Atual	14
Seminários FAEP	16
Fertilizantes	19
Entrevista Amauri Alfieri	20
Casa em Ordem	23
Projeto Político Pedagógico	24
Notas	25
Defensivos	26
Pastagens	27
Eventos Sindicais	28
Via Rápida	30

Expediente

FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santarozza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

SENAR-PR | Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette - FAEP | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curi Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR

Conselho Fiscal: Sebastião Olimpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Jairo Correa de Almeida | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

Boletim Informativo | Coordenação de Comunicação Social:

Cynthia Calderon | **Redação e Revisão:** Hemely Cardoso, Katia Santos e André Amorim | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figuei | **Ilustração:** Icaro Freitas

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da edição 1312: Fernando Santos, Milton Dória, Arquivo Abril Comunicações / Sergio Sade, Divulgação e Arquivo FAEP.

Faep pede R\$ 300 milhões de crédito suplementar

Recursos precisam ser liberados até começo de outubro

No lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2015/16, o governo federal prometeu que garantirá ao menos R\$ 668 milhões para o Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR), que custeia parte do prêmio de seguro rural contratado por milhares de produtores do país.

Embora esse recurso estivesse previsto na Lei Orçamentária de 2015, apenas R\$ 368 milhões foram disponibilizados, pois o governo utilizará R\$ 300 milhões para quitar a subvenção do prêmio de apólices de seguro rural do ano passado.

Dos R\$ 368 milhões disponíveis no programa em 2015, foram destinados R\$ 152 milhões para trigo, milho safrinha e outros grãos de inverno. Outros R\$ 106 milhões para uva, maçã e outras atividades. O cronograma de alocação de recursos prevê ainda R\$ 10 milhões para o milho safrinha que será plantado em 2016.

Desta forma, sobraram apenas R\$ 100 milhões para a soja, que será liberada em duas parcelas, a primeira em agosto, de R\$ 60 milhões, e a segunda em setembro, de R\$ 40 milhões.

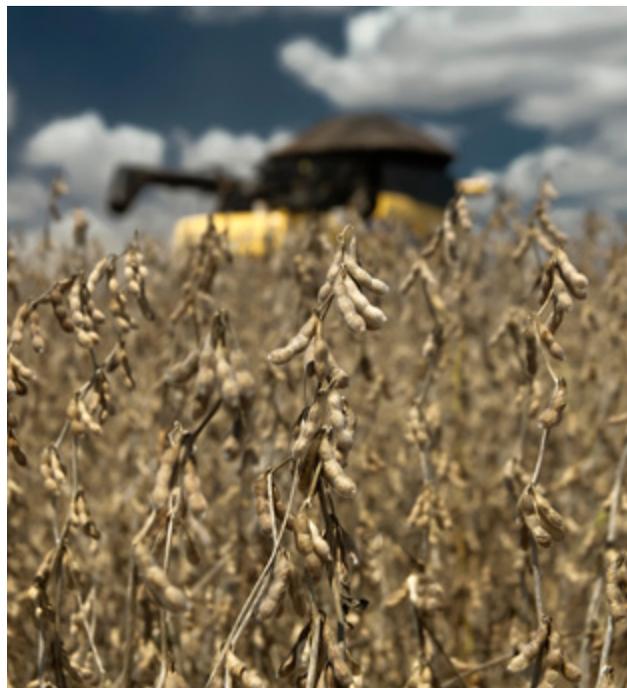
Em 2014, foram liberados R\$ 440 milhões no segundo semestre para o PSR, dos quais em torno de R\$ 300 milhões para soja e R\$ 140 milhões para as demais atividades.

No mesmo sentido, houve aumento dos custos de produção nessa safra, em média, de 15% da oleaginosa. Além disso, o governo editou medida que estabelece faixas de cobertura de pelo menos 60% da produtividade estipulada pela seguradora nas condições de contrato, eliminando faixas de 50% e 55%. Esses dois fatores aumentam a necessidade de subvenção ao prêmio da soja.

Diante desses dados, a FAEP encaminhou ofício (*) demonstrando que, para atender o mesmo número de produtores e dar cobertura para a mesma área de soja com seguro rural de 2014, será necessário crédito suplementar no orçamento de 2015 de R\$ 300 milhões, que na verdade apenas restabeleceria o orçamento original. “Caso essa medida não seja adotada, apenas 25% dos produtores que realizaram seguro agrícola de soja em 2014 terão acesso a essa ferramenta de mitigação de riscos em 2015”, afirma o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

O documento informa ainda a necessidade de intervenção para a liberação de crédito suplementar, até outubro de 2015, ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) no montante de R\$ 300 milhões com o objetivo de pagar as subvenções do seguro rural para a soja e demais culturas. “Esse recurso precisa ser liberado até começo de outubro, possibilitando a contratação de seguro pelos produtores nos corretores, agentes financeiros e cooperativas ainda no período de contratação do crédito rural”.

Encaminhado para a presidente da República, MAPA, Secretaria de Política Agrícola (SPA/MAPA), Ministérios da Fazenda, Planejamento, Orçamento e Gestão (MF/MPO), Instituto Pensar Agro / Frente Parlamentar da Agropecuária e Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (IPA/FPA)



A força do pescado

Paraná é o maior produtor nacional de tilápia

Por André Amorim



Saudável, rentável e cada vez mais consumido, o peixe vem se transformando numa das principais opções para alimentação humana. Segundo relatório da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), a aquicultura (atividade que engloba a piscicultura) oferece um enorme potencial para responder ao desafio de alimentar uma população mundial cada vez maior, que deve chegar a 2050 com 9,6 bilhões de pessoas. Segundo a organização, o consumo de peixes per capita praticamente dobrou nos últimos 50 anos, passando de 10 quilos na década de 1960, para 19 quilos em 2012, e hoje é o sustento de cerca de 11% da população mundial.

Em 2014, o consumo de pescados nacionais e importados no Brasil foi de 1,7 milhão de toneladas, enquanto a produção brasileira foi de 685 mil toneladas. Os peixes cultivados somaram 585 mil toneladas e destes a tilápia corresponde a 275 mil toneladas.

No Paraná, a produção de pescados vem crescendo a olhos vistos, sendo que, entre 2012 e 2014 aumentou 39%. Segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab), o Valor Bruto da Produção (VPB) da piscicultura em 2013 (dado mais recente disponível) foi de R\$ 375,1 milhões.

A atividade está bastante concentrada no Oeste do Estado. A região de Toledo responde por 31,4% do VPB da piscicultura, e a região de Cascavel, 12,5%. No litoral, a região de Paranaguá detém 21,7% da produção, que nesse caso se refere à pesca de peixes marinhos. No total é dos tanques que vêm a maior parte da renda dos piscicultores, que tem na tilápia seu carro-chefe.

A espécie exótica (nativa da África) encontrou grande aceitação no Brasil, devido à sua rusticidade, desenvolvimento rápido e carne de

boa qualidade, rica em proteína. De acordo com o Deral, dos 64,4 milhões de quilos de pescado (com exceção de camarão, ostras peixes ornamentais e alevinos) produzidos em 2013 no Paraná, 77,8% corresponde à carne de tilápia.

Hoje o Paraná é o maior produtor de tilápia do país. Segundo dados da Emater, existem 24 abatedouros de peixe no Estado, e outros quatro em fase de instalação. Desses, 11 estão na região de Toledo, quatro na região de Cascavel e outros sete espalhados na região Norte e Nordeste do Estado. De acordo com o responsável pela cadeia de piscicultura e pesca da Emater, Luiz Danilo Muehlmann, assim como a avicultura e a suinocultura, a piscicultura encontrou campo fértil para crescer no Oeste paranaense. “É uma questão cultural, o produtor da região não se contenta em vender somente os grãos, ele quer agregar valor”, avalia.

História

A introdução da tilápia na região Oeste teve início na década de 1980, seu desenvolvimento teve como marco a instalação da Piscies, indústria de processamento de pescado, em Assis Chateaubriand, que absorvia a produção dos piscicultores. Segundo Muehlmann, paralelamente foram se organizando as-

sociações de produtores para fomentar a atividade. Na época o governo estadual apoiou a produção, mas essa primeira onda de desenvolvimento durou pouco, pois, segundo ele, logo vieram os estabelecimentos pesque-pague, que começaram a remunerar melhor os produtores pelos peixes. Consequência desse movimento, as indústrias processadoras de pescados deixaram de ser atendidas a contento e foram desaparecendo.

“O que matou a piscicultura na região, há uns dez anos, foi o mercado. Os pesque-pague de São Paulo compravam dos produtores e pagavam com cheque frio”, lembra Valdemar Melato, presidente do Sindicato Rural de Assis Chateaubriand, município responsável pela maior fatia do faturamento da tilápia no Estado (veja tabela na página 07).

Melato calcula que existam hoje no município 300 produtores comerciais de tilápia e a expectativa é que a produção aumente. “Vejo que daqui pra frente vai ter um boom. Tem até produtor de fora arrendando tanque por aqui, porque sabe que vai ser um bom negócio”, avalia.

De fato, segundo levantamento de custos da piscicultura realizado no município através do projeto Campo Futuro da Aquicultura, uma parceria entre a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), constatou-se que, nas regiões avaliadas, a piscicultura é uma boa fonte de renda.



A introdução da técnica da reversão sexual nos alevinos representou um grande avanço na piscicultura paranaense

Assis Chateaubriand

Na região de Assis Chateaubriand, no Oeste paranaense, o Projeto Campo Futuro realizou o levantamento de custos em maio de 2014. A propriedade modal na região tem 12 hectares (ha) de área, sendo 8% deste total destinado à piscicultura. Predominam os viveiros escavados e a tilápia da linhagem Gift. Com a venda do quilo de tilápia a R\$ 3,50, a margem bruta unitária por quilo de peixe ficou positiva em R\$ 0,74 para o produtor. Mesmo quando são descontados os gastos com a depreciação de benfeitorias, máquinas e equipamentos para compor o custo operacional total, a margem líquida unitária ficou em R\$ 0,32, mostrando que a atividade é viável no médio e no longo prazo.

A produção na propriedade modal Assis Chateaubriand foi de 32.725 quilos de peixe. O maior custo corresponde a ração (82,31%), a aquisição de alevinos vem em segundo lugar, com 6,63%, os custos administrativos, impostos e taxas 4,02% e, em seguida, a energia elétrica com 3,49%. Este último item certamente sofreu ajustes de lá pra cá com os recentes aumentos na tarifa.

Palotina

Na região de Palotina o projeto Campo Futuro usou como referência uma propriedade modal de 25 ha, com 1,5 ha destinados à piscicultura em viveiros escavados. Assim como no município vizinho, a espécie predominante é a tilápia Gift.

Com produção de 51.300 quilos de peixe comercializados a R\$ 3,60 o quilo, a renda bruta anual na propriedade foi de R\$ 277.020,00. Isso possibilitou uma margem positiva de R\$ 0,76 por quilo. Descontando-se os gastos com a depreciação de benfeitorias, máquinas e equipamentos, a margem líquida unitária por quilo de peixe ficou em R\$ 0,20, o que também demonstra viabilidade em longo prazo.

A ração continua sendo a maior parcela do custo operacional efetivo (70,3%), seguida por gastos administrativos (6,34%), e energia (6,24%).

Assim como a análise realizada na região de Assis Chateaubriand, diversos produtores de Palotina estão aderindo ao sistema de integração parcial, semelhante ao que ocorre hoje na avicultura e na suinocultura, quando recebem da empresa integradora os alevinos, assistência técnica, ração e outros insumos e têm garantida a venda do produto final.

Sete municípios respondem por metade da produção de Tilápia no Paraná

Assis Chateaubriand	9,74%
Toledo	9,68%
Alvorada do Sul	8,31%
Maripá	7,98%
Nova Aurora	5,37%
Palotina	4,39%
Primeiro de Maio	4,15%

Negócio

Principal processadora de pescado do Paraná, a cooperativa Copacol abateu, em 2014, 17 milhões de cabeças de tilápia, o que corresponde a uma produção de 4.279 toneladas de carne. De acordo com a assessoria de comunicação da cooperativa, a unidade localizada em Nova Aurora tem capacidade para abater 70 mil cabeças por dia, o que corresponde a 50 toneladas diárias de pescado. Existem planos para dobrar essa produção em 2018, passando para 140 mil cabeças/dia.

A produção vem de 163 cooperados da região, que utilizam tanques escavados para criação de tilápia. A Copacol domina todo o processo de produção, desde a criação de alevinos até a produção de ração. Já a sua linha de peixes marinhos, vem pronta e embalada de uma parceira de Santa Catarina.

Outra cooperativa paranaense, a C-Vale, com sede em Palotina, também mira no setor de pescado para conquistar novos mercados. Segundo informações da sua assessoria de comunicação, existe um projeto para instalação de um frigorífico para o abate de pescado em fase de análise pelo Banco Regional de Desenvolvimento Extremo Sul (BRDE) e pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O objetivo é utilizar o grande potencial produtivo da região – que concentra a maior produção de tilápia do Paraná, para agregar valor à produção local.

Domínio da tecnologia

A expansão da tilapicultura no Paraná é fruto de um conjunto de fatores. Segundo Muehlmann, da Emater, um dos principais saltos tecnológicos neste processo foi a introdução da técnica da reversão sexual, através da qual a maioria das larvas do peixe são convertidas em machos. Isso é decisivo em uma empreitada comercial, pois o macho da tilápia cresce mais rápido e é mais vigoroso, além disso, quando existem machos e fêmeas nos tanques a população aumenta através da reprodução, o que torna mais acirrada a disputa por comida, prejudicando a produtividade.

Também foi importante a atração de fábricas de ração para o Estado. Primeiro veio a ração paletizada, que tem um manejo mais trabalhoso, depois veio a ração extrusada, que flutua na água e facilita o tratamento dos peixes. “Vieram para o Paraná empresas de equipamentos, de ração, toda cadeia foi estruturada e isso fez o Estado chegar ao primeiro lugar em produção de tilápia”, afirma.

Lago de Itaipu

Recentemente a produção de tilápia no Paraná ganhou outro grande incentivo. Em abril, o ministro da Pesca e Aquicultura, Hélder Barbalho esteve no Paraná e liberou a instalação de tanques-rede nos braços do reservatório da usina de Itaipu. A produção em todo lago da hidrelétrica não é possível devido ao acordo binacional que envolve o Brasil e o Paraguai, que prevê que nenhuma espécie exótica pode ser introduzida no corpo da represa.

Recentemente o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) iniciou um treinamento junto aos seus técnicos para orientar os produtores a desenvolver a atividade de acordo com as normas ambientais. Hoje, o pacu é o principal peixe cultivado no lago.



Anel de Integração, prioridade para o Paraná

Texto publicado na edição impressa da Gazeta do Povo de 28 de julho de 2015.



Nunca imaginei que a proposta de ter obras já e a redução do preço do pedágio no Anel de Integração fosse dar tanta confusão. Creio que há muita desinformação sobre o assunto e gente comparando coisas desiguais. A proposta dos que defendem obras já com redução de preço de pedágio, mesmo que isso dependa da prorrogação de contratos, talvez precise ser melhor explicada.

Estamos pedindo a renovação da delegação do governo federal ao governo do Paraná dos 1.830 km de rodovias que pertencem à União. A razão é que o Anel de Integração é nossa prioridade; se as rodovias voltarem para o governo federal em 2022, poderão deixar de sê-lo. O grande esforço do governo

federal nos próximos anos estará voltado para a construção de rodovias e ferrovias para escoar a produção das regiões Centro-Oeste e Norte do país. É, portanto, para o Paraná uma questão estratégica poder controlar as obras do Anel.

Em segundo lugar vêm as negociações com as concessionárias dos trechos do Anel de Integração. O pedágio realmente é caro, motivo de nosso desejo de reduzi-lo o mais breve possível pelo impacto indireto que tem na renda do produtor rural. E continuará caro até 2022 se os contratos não forem negociados.

Pelos diversos aditivos em governos anteriores, várias obras de duplicação ou terceiras faixas foram retiradas dos con-

tratos ou postergadas para o fim, gerando um passivo judicial de bilhões de reais contra o Estado. Significa que em 2022 o Anel de Integração estará incompleto, com a maior parte em pistas simples – que encarecem o transporte e ceifam vidas – e com uma dívida que poderia ser negociada na renovação e que será paga pelos contribuintes. O que acontecerá depois? Ninguém sabe.

Em algumas regiões a situação é tão grave que a população exige a duplicação imediata, mesmo com o aumento do pedágio. Refiro-me às manifestações em Cornélio Procópio pela duplicação do trecho Jataizinho-Ourinhos da BR-369. Lideranças do Oeste do Paraná queixam-se, com razão, de que a região está ilhada por falta de um sistema de transporte eficiente. Mas outras lideranças aceitam ficar mais sete anos como está na esperança de que, depois de 2022, o pedágio acabe.

As concessões de rodovias e ferrovias vieram para ficar. Os governos não têm mais recursos nem para manutenção, quem dirá para a construção de grandes obras. Lembro-me da concessão da BR-163, que passa pelo Mato Grosso e pelo Mato Grosso do Sul e cujo preço de pedágio é citado como exemplar: as obras no Mato Grosso estão por conta do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), do governo federal, que nada fez até agora. As do Mato Grosso do Sul, até a divisa com o Paraná, estão por conta da concessionária, com financiamento de pai para filho do BNDES, com preço de R\$ 4,38 por 100 km, mas que poderá ser cobrado a partir do momento em que tiver 10% duplicado.

Lembro também que a previsão da tarifa da concessão

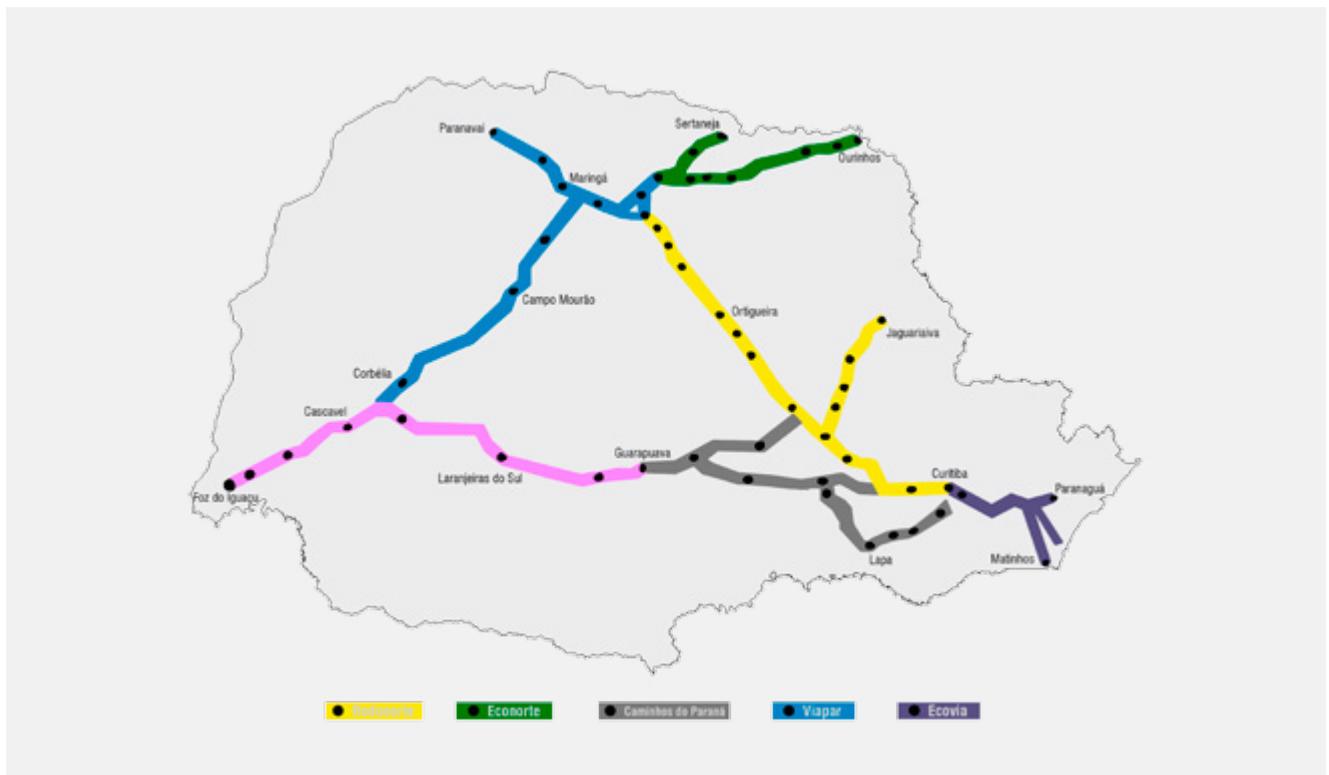
federal da duplicação do trecho Chapecó-Lapa é de R\$ 13,40 por 100 km, conforme noticiou a Gazeta do Povo, acima da média das concessões paranaenses. E nem dá para comparar o preço da Nova Dutra – duplicada há décadas, com um tráfego intenso (que significa maior receita) – com as nossas, que ainda têm muito por fazer.

A fixação do preço do pedágio depende de uma fórmula matemática, na qual entram algumas variáveis: valor dos investimentos em obras a serem realizadas, despesas de administração e manutenção, taxa interna de retorno contratual, volume de tráfego que significa receita e prazo do contrato. Não tem mistério, como a FAEP aprendeu com uma consultoria que contratou para poder entender do assunto.

Se as negociações não atenderem aos interesses do Paraná dentro de um processo transparente, então vamos deixar encerrar os contratos e fazer novas concessões em 2022, a partir de quando serão feitas as obras tão necessárias para a economia paranaense. Lá por 2028 talvez o Anel de Integração esteja totalmente duplicado.

O que não é aceitável é não tentar uma solução agora para ter as obras antecipadas em sete anos e ao mesmo tempo pagar menos pelo pedágio. O importante é que essa discussão precisa ter mais racionalidade.

Ágide Meneguette é presidente da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP).



ADEUS, COMPANHEIRO

Por Cynthia Calderon



Hélio Teixeira foi repórter e nunca deixou de sê-lo. Viveu as aventuras de um jornalismo que só encontramos hoje nos cinemas. O momento de ouro em que os grandes jornalões mantinham sucursais no Paraná e se formava uma geração de nomes importantes para a imprensa paranaense.

Foi enviado pela revista Veja, onde trabalhava na sucursal curitibana, para cobrir a guerra das Malvinas, percorreu a Amazônia, frou todos os veículos com a sua estrela e a capa da Veja do primeiro bebê de proveta. Viveu muitas aventuras na ditadura e foi politicamente incorreto sempre.

Sim, jornalista tinha que ter estrela, aquela capacidade de levantar o dedo molhado no ar e sentir a direção em que o vento sopra e sair na frente.

Ser atleticano para ele era uma bondade divina. Como torcedor fanático fez inúmeras reportagens do time de coração para a revista Placar e para o próprio time. Torcer pelo Atlético era um vício que perdia apenas para a política onde muitas vezes tinha uma postura radical. Nunca saiu do ninho dos tucanos. Assessorou grandes nomes

como Mário Covas e José Richa de quem escreveu a biografia em parceria com a jornalista Rose Arruda. Também assessorou o ex-diretor geral de Itaipu, Euclides Scalco, de quem foi amigo de uma vida toda.

Na Itaipu se divertiu como superintendente de Comunicação acumulou inúmeras histórias e amigos como o atual diretor geral, Jorge Samek.

Na primeira meia hora do domingo (26) ele partiu vencido por complicações pulmonares que há 15 dias tentava combater. Ele se foi de um jeito silencioso, sem se despedir, como quem não quer os holofotes voltados para si. Saiu do trabalho numa sexta-feira, ao final de tarde, sem avisar que era um adeus. Se pudesse escolher uma trilha sonora teria ido embalado por My Way, na voz de Frank Sinatra.

Deixou sua marca por onde andou e no Sistema FAEP não foi diferente. Nos últimos seis anos, foi editor-chefe do Boletim Informativo do Sistema FAEP, transformando o impresso numa referência pelas suas reportagens, estilo elegante de escrita sem deixar de marcar o firme posicionamento nas questões de interesse do setor. Tudo com muito bom humor como a coluna Via Rápida e a página de



história que expressam suas principais características.

Alma inquieta de repórter que se entusiasmava pela notícia. Se empolgava com uma boa matéria e via uma pauta onde a maioria não enxergava mais nada.

Se orgulhava de ser filho de Palmeira, a qual ele nunca se cansava de retratar como cidade clima. Nunca abandonou os hábitos simples, gostava mesmo era de buchada, rabada e coisas sem frescura.

Liderava sem se impor, conquistava o respeito pela sua competência. Nem sempre agradava pelo seu jeito às vezes direto de entrevistar como quem está interrogando, mas essas eram as exceções na maioria das vezes fazia do entrevistado um amigo.

Quando solicitado nunca inibiu a interferência de um repórter ou qualquer pessoa que demandasse sua atenção mesmo que estivesse embalado na construção de um texto do qual se divertiria por saber manusear as palavras acertando o alvo sem perder a classe.

Incansável, era daquelas pessoas que sabem tirar o melhor dos outros, porque as fazia acreditar que eram melhores. Fazia com que cada pessoa se sentisse única e amiga íntima. Mantinha amigos da época de escola e acolhia os novos com o mesmo interesse.

Com o jeito brincalhão e leveza fazia uma equipe render ao máximo sem nem perceber.

Nunca se vangloriou, nem mesmo se referia ao Prêmio Esso de Jornalismo, reconhecimento máximo da profissão.

Não sabia lidar com o sofrimento, diante da dor de um companheiro tentava a solução, fosse a abertura de uma matéria, uma fonte difícil, uma sugestão de médico ou medicamento ou mesmo dinheiro emprestado.

Deixou a Iva, esposa e companheira de 45 anos. Os joelhos mais lindos que conheceu na primeira turma de jornalismo da Universidade Federal do Paraná.

Democrático deixou ao filho Fernando, de quem se orgulhava por ser sua versão melhorada, a semelhança física. Para ele, uma prova incontestável de que sempre foi bonito.

A filha Leticia, fiel escudeira, herdou seu jeito de sorrir da vida e não se levar tão a sério. Viveu intensamente, com paixão pelo que fazia. Teve dois amores recentes que se somaram aos antigos, os netos Isabela e Rafael.



Até o último minuto surpreendeu, pela quantidade e variedade de pessoas que conhecia e que tiveram suas vidas tocadas e marcadas pela sua presença. No jornalismo deixou um vazio e dezenas de aprendizes. Enfim, viveu do seu jeito.





“Parafrazeando nosso querido Hélio Teixeira “Tudo que abunda não prejudica”. Falar de sua competência profissional nunca será demais; citar seu dom de exercer a liderança diariamente, mesmo as segundas-feiras pela manhã, não soará como redundância. Muitas foram as lições que aprendi com ele nesse pequeno espaço de tempo de cinco anos. Uma delas faço questão de citar – a grandiosidade do silêncio e da observação”.

Katia Santos, jornalista Sistema FAEP

“Triste por perdê-lo, mas muito feliz pela oportunidade de tê-lo conhecido. Seis anos de muito aprendizado trabalhando ao seu lado. Conhecimento pessoal e profissional que levarei para toda a vida. O bandoleiro deixará saudades”.

Fernando Santos, fotógrafo Sistema FAEP

“O Paraná perdeu um dos seus mais importantes e valiosos jornalistas, que dedicou a reconhecida competência e a energia pessoal para exercer seu ofício com dignidade. Em todas as funções que ocupou foi sempre o mesmo jornalista brilhante, de pensamento independente e visão única e enriquecedora. Meus sentimentos à família e aos amigos, que terão na lembrança, como eu, um amigo caloroso e generoso. E o que nos consola, a todos, pela ausência do Hélio, é que ele continuará como exemplo para gerações de bons jornalistas e de paranaenses que defendem e amam o Paraná”.

Cida Borghetti, vice governadora do Paraná

“É estranho pensar que vamos viver sem o Hélio. Pela manhã ainda esperamos ele chegar com as últimas da política, as travessuras dos netos. Vai ser muito difícil viver sem o amigo Hélio, carinhoso, ranzinza, generoso. Do Hélio profissional tanto já foi dito e ainda há muito a dizer, o que vamos fazer aos poucos como as histórias que ele contava na Via Rápida do Boletim”.

Angelina Viel, chefe de gabinete do Sistema FAEP

“Trabalhar com um profissional do calibre de um Hélio Teixeira é um presente para qualquer jornalista. Além do humor ácido, do texto impecável e da vivência que traduz o folclore político em forma de crônica, o “bandoleiro” era um chefe generoso, sempre disposto a apostar numa sugestão de pauta incomum, num assunto inusitado, ou numa nova abordagem de um velho tema. Incendiava as reuniões de pauta com planos mirabolantes para derrubar a república, usando para isso esse “poderoso rotativo”. Vai fazer muita falta”.

André Amorim, jornalista sistema FAEP

Curso Mulher Atual ajuda a descobrir talento gerencial

Debora Noorde Graaf muda sua vida e passa de dona de casa a produtora rural



Há seis anos a rotina da dona de casa, descendente de italianos, Debora Noorde Graaf, era como a da maioria das mulheres que não trabalha fora: cuidar da casa, do marido e dos filhos (a universitária Tais, o jovem João Henrique e a pequena Ana Carolina). Faltava alguma coisa, mas ela não conseguia identificar. “Eu via a correria do meu marido. Queria ajudar, mas não sabia como”, conta.

Foi por um acaso, que em 2009, ao passar para pela cooperativa para entregar um documento a pedido do marido, ela foi convidada, pela instrutora Cleri Josane de Meo para participar da turma do Curso Mulher Atual, oferecido pelo SENAR-PR. O curso tem carga horária de 80 horas e aborda um leque de temas como diferença de gêneros, autoestima e resiliência até sustenta-

bilidade econômica/social/ambiental e empreendedorismo.

“Quando contei para o meu marido, que ia fazer o curso ele ficou empolgado e foi logo dizendo: ‘Estou querendo mesmo diversificar as atividades na propriedade e queria contar com você para me ajudar a administrá-la’”. “Foi importante ter esse retorno, pois senti que minha contribuição seria significativa. Saber que ele acreditava no meu potencial foi animador”, relembra Debora.

Com o incentivo do marido Debora buscou mais conhecimento. Fez outro curso de manejo de suínos pelo SENAR-PR e também participou de outras capacitações oferecidas pela cooperativa como o Programa de Desenvolvimento de Líderes Feminino (PDL), que tem duração de 18 meses.

“Outra grande lição que o Mulher Atual deu para o grupo, foi que enxergamos que podíamos mais. Começamos a nos organizar melhor e a conquistar mais espaço dentro da cooperativa. Pedimos mais capacitações e fomos atendidas. Atualmente uma segunda turma do PDL já está reunida e vários outros projetos foram surgindo a partir desse trabalho. Temos até uma funcionária que dá apoio ao Grupo Mulher Cooperativista”, diz.

“O Mulher Atual Foi o primeiro degrau para eu me envolver com a gestão da propriedade”, revela Debora Noorde Graaf”.

Diversificação

O casal Noorde Graaf tem uma propriedade de 500 hectares em Castro, onde produz grãos para a Cooperativa Castrolanda. A intenção do marido de Debora, Arjan, descendente de holandeses, era iniciar a produção de suínos. Ao confirmar a participação da esposa no curso do SENAR-PR o produtor rural também foi buscar mais informações e organizar uma área arrendada para iniciar a terminação de 500 animais.

“Começamos com um número considerado modesto de animais, e hoje estamos com um galpão com 1,6 mil fêmeas ainda em uma área arrendada. Esse período foi importante para conhecermos mais as características dos animais e aprofundar a técnica de manejo. Para mim o Mulher Atual foi o primeiro degrau para eu me envolver com a gestão da propriedade”, revela a produtora.



Dobrando a produção

Aos 44 anos, e 21 de casada Debora, que agora gerencia sozinha a granja de suínos, sente que a mudança de posição em relação à propriedade ajudou a transformar a relação familiar. “A parceria que temos como casal se fortaleceu, contamos um com o outro em todas as áreas. Outra vantagem é que essa nova postura acaba por influenciar os filhos de forma positiva em relação à sucessão familiar”, completa.

Além de se sentir realizada como uma gerente, Debora conta que o casal decidiu junto ampliar a atividade de suínos, que ocorreu no momento da inauguração de um frigorífico pela Castrolanda, dando maior segurança ao projeto.

“Fizemos um financiamento e estamos construindo na propriedade dois galpões para abrigar 1,5 mil animais cada um. Uma coisa foi puxando a outra. Hoje não sou apenas a esposa, mas também sou uma parceira na propriedade, uma cooperada que tem muitos planos e metas a serem alcançadas”.

Para o marido, o crescimento profissional da esposa teve um marco. “A iniciativa da Debora em fazer o curso Mulher Atual foi essencial para que ela se sentisse determinada e segura em participar do gerenciamento da propriedade. Nosso crescimento foi gradativo e importante para que ela aprofundasse seus conhecimentos sobre os custos de produção e a rotina dos animais. Saímos todos ganhando”, finaliza.

Seminários da FAEP ajudam produtor a desvendar o mercado

Série de eventos realizados no Estado teve início no último dia 28 com palestra do consultor França Jr.



Na última terça-feira, 28 de junho, data em que se comemora o Dia do Agricultor, teve início a série de Seminários Tendências de Mercado de Grãos, promovidos pelo Sistema FAEP com apoio dos sindicatos rurais.

O primeiro dos seminários foi realizado em Ponta Grossa e contou com a presença de mais de 100 produtores e lideranças rurais da região dos Campos Gerais. No mesmo dia foi realizado o segundo seminário, em Guarapuava. Em Pato Branco, o evento ocorreu no dia 29 e teve ainda a palestra sobre As Oportunidades no Mercado do Feijão, do analista da corretora agrícola Correpar, Marcelo Lüders.

No dia 30 foi a vez de Cascavel receber a palestra sobre a

tendência do mercado de grãos. Nestes eventos o consultor econômico e especialista em agrobusiness Flávio França Jr. analisa diversas variáveis, como clima, preços das commodities no mercado internacional, taxa de câmbio e para responder a questão que todos aqueles que trabalham com soja, milho e trigo desejam saber: Afinal, os preços dos grãos vão subir ou vão cair?

De acordo com França Jr., para analisar o mercado da soja é preciso estar atento para três variáveis: A cotação da oleaginosa na Bolsa de Chicago, o prêmio pago pelo grão no Porto de Paranaguá e a cotação do dólar. Segundo ele, neste ano os prêmios estão positivos, mesmo nos períodos de colheita “reflexo de uma boa demanda inter-

nacional". Os prêmios abertos para setembro deste ano estão em + 0,90 (cents de dólar por bushel) e, em agosto, + 0,63.

No que se refere aos preços pagos na Bolsa de Chicago, ele observa que depois de quatro anos de alta, no momento os preços estão abaixo da média, fruto de uma conjuntura de safras cheias nos dois hemisférios, com estoques globais altos e oferta excessiva do grão no mercado. O que garante os bons preços em reais para os produtores brasileiros é o valor pago em dólar pela soja. Segundo o consultor, com preços e prêmios devidamente balizados, "o câmbio é a variável central na formação de preços".

Desde o ano passado a moeda norte-americana vem ganhando força em relação a outras moedas "Isso se refere à consolidação da recuperação econômica dos EUA após a crise de 2008", explica. Depois de colocar dólares no mercado para recuperar a economia, agora o governo americano está retirando estes dólares do mercado, fazendo subir seu preço. Com a expectativa dos EUA elevar sua taxa de juros, a tendência é que o dólar se valorize ainda mais.

Na avaliação do consultor, este momento em que o dólar ronda os R\$ 3,40, é uma boa ocasião para vender a soja. "É um pico de preço, um pico de câmbio, talvez um dos melhores preços do ano", afirma. "Quem fizer negócio vai ser bem remunerado", avalia.

Descontrole

De acordo com França Jr., se no restante do mundo as economias estão "apanhando" do dólar alto, no Brasil, "apanhamos em dobro", por conta da má situação econômica em que o país se encontra. "Os dois piores males em uma economia são a inflação e a recessão, hoje temos os dois juntos no Brasil, o que é uma proeza, pois não é fácil ter os dois ao mesmo tempo", analisa o especialista, que acredita que a situação "ainda pode piorar". "O governo não consegue controlar as contas públicas, o Estado virou um ser autônomo sem comando", analisa, referindo-se aos gastos públicos excessivos e descontrolados. "É insano você ter 39 ministérios", observa.

Milho e trigo

Diferentes da soja, as previsões para o milho não são tão claras. Depois de uma safra de inverno espetacular no Brasil, resta saber como se comportarão os produtores norte-americanos, se vão expandir ou reduzir a área plantada na próxima safra. "É um desafio. Se reter o milho, pode perder uma oportunidade, mas se vender agora, ele pode se valorizar lá na frente", pondera.

O trigo vem marcando preços acima da média nos últimos cinco anos, porém, o problema é o mesmo de sempre: a liquidez. "Às vezes é difícil comercializar, os moinhos não querem pagar, esperam vir todo trigo importado", avalia França Jr. Outra preocupação este ano

vem do clima. Com o inverno úmido em decorrência do El Niño, a produtividade e a qualidade do grão brasileiro pode ser afetada.

Na primeira semana de agosto os seminários serão realizados em Cornélio Procópio, Londrina e Maringá (veja programação na página 18).

Oportunidade

De acordo com o diretor secretário do Sistema FAEP, Livaldo Gemin, o acompanhamento dos movimentos do mercado deve se tornar um hábito entre os produtores que buscam bons negócios. Durante a abertura do seminário, em Ponta Grossa, ele destacou o trabalho da FAEP para levar informação econômica de qualidade para os produtores do Estado. "Esse é o jeito de trabalhar da FAEP, levando informação de qualidade para os produtores. Além do clima, temos todos que estar atentos ao mercado", afirma.

Esta também é a visão do presidente do Sindicato Rural de Ponta Grossa, Gustavo Ribas Netto. "Essa é uma constante, o Sistema FAEP está sempre atento em informar o produtor, abrir sua visão", avalia. Segundo ele, o objetivo dos seminários não é dar garantias de preço, mas sim apontar tendências de mercado para que o produtor possa tomar suas decisões com clareza.

Homenagens

Aproveitando a ocasião do Dia do Agricultor, o primeiro seminário contou com uma homenagem a dois produtores da região dos Campos Gerais que se destacaram no cenário nacional e internacional. Um dos homenageados foi Alisson Hilgenberg, vencedor do Desafio de Máxima Produtividade de Soja deste ano promovido pelo Comitê Estratégico Soja Brasil (CESB).

Com uma produtividade de 141,79 sacas por hectare, ele conquistou a maior marca já registrada no concurso. "Esse é um trabalho de 30 anos que começou com meu pai, que fazia plantio direto. Isso deu a base para que eu desenvolvesse um trabalho com a agricultura de precisão", explica o campeão.

Outro homenageado foi o engenheiro agrônomo pontagrossense Renato Zardo Filho, que conquistou o prêmio "Jovem Agrônomo cultivador do ano" nos Estados Unidos ao conseguir reduzir em 65% as aplicações de agrotóxicos em flores em três anos. A premiação ocorreu este ano na cidade de Columbus (Ohio). Renato graduou-se na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e durante um estágio nos EUA trabalhou na empresa Green Circle Growers, para a qual retornou após concluir seu mestrado na universidade paranaense. Foi nesta empresa que o engenheiro-agrônomo desenvolveu o trabalho que lhe rendeu a premiação. Na ocasião da homenagem, ele foi representado pela sua mãe, Soraia Zardo.



Ponta Grossa



Guarapuava



Pato Branco



Cascavel

Mercado de feijão

Em Pato Branco, o analista da corretora agrícola Corregar, Marcelo Lüders, abordou as oportunidades no mercado de feijão para os produtores da região. Ele apresentou as perspectivas para o mercado 2015/16, quais variedades de feijão terão melhor oportunidade de ganho e as possibilidades de exportação.

Para Marcelo Lüders, “a cada dia está mais claro que o feijão-carioca tem colocado o produtor em um beco sem saída. O governo não cumpre com seus compromissos previstos em lei quanto ao preço mínimo. Quando sobra não pode ser exportado. Mas há saídas que o produtor de feijão pode buscar”, explica.

Durante o Seminário, o analista apresentou como funcionará a nova ferramenta online de apoio ao produtor rural. “É um sistema de preços online na hora que precisar, do Brasil e para exportar, e com informações sobre outras regiões que afetam o preço do produtor paranaense”, explica.

A partir de agosto o produtor poderá consultar no site do Ibrafe (<http://www.ibrafe.org.br>) os preços praticados em 240 centros de venda do país.

Data dos próximos Seminários Tendência de Mercado de Grãos

CORNÉLIO PROCÓPIO

Quinta-feira 6 de Agosto / 9h - 11h30

Anfiteatro do Sindicato Rural de Cornélio Procópio
Av. Alberto Carazzai, 1630 – Centro

LONDRINA

Quinta-feira 6 de Agosto / 19h - 21h30

Auditório Milton Alcover
Parque de Exposições Governador Ney Braga
Av. Tiradentes, 6275 - Jardim Rosicler

MARINGÁ

Sexta-feira 7 de Agosto / 9h - 11h30

Auditório da Sociedade Rural de Maringá
Parque Internacional de Exp. Francisco Feio Ribeiro
Av. Colombo, 2186 - Vila Moranguera

Entregas de Fertilizantes caem em 2015

Dólar caro e estoques altos deixaram setor cauteloso. Quem não se adiantou corre o risco de ficar sem



O dólar mais caro deixou importadores de fertilizantes e produtores rurais mais cautelosos este ano. Com isso, as empresas passaram a trazer apenas aquilo que já estava contratado, para não amargar prejuízos em moeda estrangeira, enquanto os agricultores deixaram para a última hora a aquisição destes insumos, aguardando uma possível desvalorização da moeda norte-americana.

Fruto deste cenário, diversas consultorias atentam para o risco do fertilizante faltar na prateleira quando chegar o momento de preparar o solo para a próxima safra 2015/16. Com os compradores deixando para o último minuto as aquisições, muito provavelmente o Porto de Paranaguá não poderá comportar o volume de entregas que ficaram represadas ao longo do ano. “Houve uma postergação das compras, então é possível que ocorram

problemas logísticos”, avalia o gerente executivo do Sindicato da Indústria de Adubos e Corretivos Agrícolas no Estado do Paraná (Sindiadubos-PR), Décio Gomes.

Segundo ele a falta não é uma certeza anunciada, já que ainda existem estoques de NPK (sigla para nitrogênio, fósforo e potássio, principais componentes dos fertilizantes). “O que pode faltar é um ou outro produto específico”, observa. Ainda de acordo com Gomes, o setor passou de 2014 para 2015 com estoques elevados de 6 milhões de toneladas, capazes de suprir a demanda brasileira por dois meses.

A equação é simples: Estoque elevado aliado a dólar mais caro, implica em redução nas entregas. Com isso, a perspectiva do Sindiadubos-PR é que este ano o volume de entregas fique em cerca de 30 milhões de toneladas, 2 milhões de toneladas a menos do que o entregue no ano passado.

Essa retração já pode ser observada no Porto de Paranaguá, principal porta de entrada dos fertilizantes no Brasil. De acordo com a Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA), entre janeiro e junho de 2015 as importações de NPK foram 7% menores do que as registradas no mesmo período de 2014, sendo que apenas em junho o volume importado foi 17% menor.

Essa situação poderia se agravar com a reforma prevista nos berços de atracação do terminal de fertilizantes em Paranaguá, que passaria a operar com apenas dois berços ao invés de quatro, tornando ainda mais estreito o gargalo para o recebimento de fertilizantes no terminal paranaense. Na opinião do engenheiro agrônomo da FAEP, Nilson Hanke Camargo, esta situação, porém, não deve ser tão grave para os produtores do Estado. “No Paraná muitas cooperativas se anteciparam e compraram fertilizantes, a situação deve ficar pior para os produtores de outros Estados, como o Mato Grosso. Não vai haver estrutura para receber todo o adubo pretendido até setembro”.

Fim da vacinação

Em entrevista ao Diário do Norte do Paraná, o pesquisador Amauri Alfieri, médico-veterinário, mestre em Virologia e doutor em Biologia Molecular, pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), uma das vozes mais respeitadas, aponta as principais vantagens de um Paraná com status de área livre de febre aftosa sem vacinação.

Por Luiz de Carvalho / Diário do Norte do Paraná



Uma contradição que não se explica. A bovinocultura brasileira, o maior rebanho comercial do mundo com seus 200 milhões de cabeças e peso fundamental na economia de todas as regiões, tem apenas um Estado com status área livre de febre aftosa sem vacinação. E o país precisa conviver ainda com a pressão do tempo. O

Plano Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (Phefa), assinado em 1987 em uma Reunião Interamericana em Nível Ministerial sobre Saúde e Agricultura, pretende que todos os países das três Américas estejam livres da doença até 2020 - portanto, em pouco mais de quatro anos.

Hoje, o governo pretende fazer do Paraná o segundo Estado a não precisar

vacinar bovinos e bubalinos, mas há forte resistência dos criadores, que acham a medida um passo maior do que a perna diante do fato de o Estado não contar com estoque de bezerros para a engorda.

A discussão do assunto coloca na roda o pesquisador Amauri Alfieri, médico-veterinário, mestre em Virologia e doutor em Biologia Molecular, pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), uma das vozes mais respeitadas do Brasil quando o assunto é aftosa .

DNP - O Brasil está atrasado na questão da aftosa?

AA. Para um país que tem o maior rebanho comercial do mundo, com mais de 200 milhões de cabeças, há um descompasso quando comparamos com outros países de pecuária forte. Os Estados Unidos, por exemplo, registraram o primeiro caso em 1870 e já em 1929 ocorreu o último caso, a Austrália e a Nova Zelândia, que estão melhor localizados para o mercado externo, também não têm preocupação com aftosa e nós ainda estamos aqui, em pleno 2015, discutindo aftosa.

DNP - O produtor se mostra interessado?

AA. O produtor é tão interessado que muitas teses de mestrado de meus alunos começaram a partir de questionamentos que são feitos após as palestras que fazemos. O produtor, muitas vezes, tem uma visão de um problema diferente da que temos e nem sempre temos a resposta para o momento, o que nos obriga a desenvolver uma dissertação de mestrado, uma tese de doutorado para buscarmos uma resposta. Em minhas palestras muitas vezes aprendo mais do que eu trago. Essa troca de informações faz a gente crescer.

DNP - E há motivos para que o produtor esteja preocupado?

AA. Hoje o assunto é aftosa, mas são muitos os riscos sanitários. Nós temos doenças que são endêmicas e outras que são epidêmicas. A aftosa e a influenza, por exemplo, são epidêmicas, mas temos muitas endêmicas que estão nos nossos rebanhos e afetam a produtividade. Neste caso, temos que ter formas para o produtor evitar os efeitos deletérios destas doenças que resultam abortamentos e outras perdas.

O produtor convive com estas doenças nos rebanhos, mas tem que aprender a dominá-las, saber que elas estão lá, mas não podem reduzir ganho de preço, alterar taxas de conversão alimentar, perder fetos. Enfim, não pode deixar causar prejuízos econômicos.

DNP - Com a aftosa também é possível conviver?

AA. De forma alguma. A aftosa não dá para conviver, tem que ser erradicada. A Organização Mundial da Saúde (OMS) elegeu o vírus da aftosa como o vilão número 1 da sanidade animal. Ou seja, se nós tivéssemos que escolher um vírus para erradicar do planeta Terra, sem dúvida nenhuma, para a sanidade animal, seria o vírus da aftosa.

DNP - E isto é possível?

AA. Em 2011 a medicina veterinária conseguiu a façanha de erradicar o vírus da peste bovina e, sem dúvida nenhuma, queremos erradicar também o da aftosa, mas tenho dúvidas de que possamos ganhar a luta contra este vírus.

DNP - Por que?

AA. O grande problema para enfrentar este vírus é a grande capacidade de transmissibilidade dele. O problema não está nas Américas ou na Europa. O grave problema para enfrentá-lo é o continente africano, onde existem mais de 80 espécies portadoras deste vírus.

DNP - Este é um vírus que sofre mutação? São muitos os tipos?

AA. Temos sete tipos do vírus da aftosa, três deles ocorrem no mundo inteiro e os outros quatro em determinadas regiões do planeta. O problema é que eles têm 81 subtipos, todos com grande capacidade de mutação e uma mutação muito rápida.

DNP - E o que faz com este enfrentamento seja tão difícil?

AA. Porque ela é uma doença viral muito contagiosa. Costumamos dizer que o potencial de transmissibilidade da aftosa é comparável a um rastro de pólvora. É muito rápido e devastador.

DNP - Por que o potencial de transmissibilidade é tão alto?

AA. Hoje estamos tranquilos porque há tempos não ocorre um foco, mas o produtor precisa estar consciente dos cuidados que precisam ser adotados.

Você não entra em uma granja de suínos ou em uma granja de frangos sem antes passar por um processo de higienização para evitar a entrada de qualquer vírus, mas isto não acontece com o gado. Qualquer pessoa entra em um pasto ou área de criação de gado do mesmo jeito que vem de outra

propriedade e às vezes até passa a mão nos animais. O pecuarista compra um gado lá em outra região, em outro Estado, traz e coloca direto junto com seu gado sem saber se o animal está trazendo alguma doença.

DNP - O próprio produtor consegue perceber quando surge um foco?

AA. A doença é caracterizada por febre e formação de vesículas na boca, focinho, espaços interdigitais e na banda coronária dos cascos. O animal começa a mancar, deixa de comer e perde peso rapidamente.

DNP - Além do gado bovino, quais outros animais podem contrair aftosa?

AA. Todos os animais de unhas fendidas, aqueles que possuem dois dedos, como bois, porcos, ovinos, cabras, inclusive animais silvestres.

DNP - O produtor paranaense tem sido responsável com seus rebanhos, quando se refere à aftosa?

AA. O produtor é zeloso e dá exemplo de responsabilidade. Imagine que em uma campanha de imunização do governo contra a gripe, menos da metade das pessoas que deveriam ser vacinadas procuraram os postos de saúde. Foi preciso a Secretaria da Saúde prorrogar quatro vezes a campanha e mesmo assim um percentual muito grande não se vacinou. E olhem que a vacina era de graça. No que se refere às campanhas de combate à aftosa, 95% do gado que deve receber a dose é vacinado dentro do prazo.

DNP - Além da vacina, o que mais o produtor deve fazer para proteger o rebanho?

AA. Tenho insistido que vacinar não é sinônimo de imunizar. É preciso levar em conta o aspecto nutricional, pois em um gado que não está fisicamente bem a vacina não terá o efeito desejado. Nutrição e manejo são muito importantes na proteção contra o vírus.



DNP - A biossegurança já faz parte da cultura dos criadores?

AA. Como eu já disse: ninguém entra em uma granja de frangos sem a devida higienização, nem em uma criação de suínos, mas isto não acontece nas criações de pasto. Qualquer um entra no pasto e o proprietário não está habituado a exigir a higienização do visitante, que pode trazer no sapato, nas roupas, doenças de outras propriedades. Medidas de biossegurança precisam ser adotadas e se tornar uma prática constante.

DNP - Pelo que o senhor diz, a erradicação ou pelo menos o controle da aftosa depende somente do produtor.

AA. Não, o principal adversário da defesa sanitária animal é a política. Um governo adota medidas realmente efetivas, mas muitas vezes o governo seguinte não dá a mesma importância.

DNP - Temos exemplo disto?

AA. Um caso exemplar é o da Inglaterra, que fazia um bom trabalho, mas durante a administração Margaret Thatcher a defesa sanitária animal foi implodida. Alguns anos depois, quando o primeiro

ministro já era o Toni Blair a pecuária inglesa quase foi dizimada pelo vírus da vaca louca. Em poucas semanas as imagens que ficaram foi de milhares de cabeças de gado sendo enterradas ou queimadas e o mundo inteiro teve que tomar medidas para se proteger da vaca louca. No Brasil também houve uma certa desestruturação da defesa sanitária quando o então ministro Antonio Palocci, da Fazenda, cortou os recursos da defesa e os casos de doenças nos rebanhos aumentaram. Não se faz defesa sem dinheiro.

DNP - E o que precisa ser feito?

AA. Defesa sanitária animal precisa ser política de Estado em todo o país, não de um governo. É preciso termos garantia de que ela vai continuar como prioridade mesmo com as mudanças de governo. O caso da Inglaterra é um exemplo de que um povo que esquece a história está condenado a cometer os mesmos erros.

DNP - O fim da vacina é importante para a pecuária?

AA. Nós trabalhamos para isto. Estou nesta luta há 35 anos e vários profissio-

nais também, o produtor deseja isto e a economia também. De todos os Estados brasileiros apenas Santa Catarina já aboliu a vacina e em cerca de 15 anos não registrou nenhum foco. Mas, há Estados que ainda vacinam quatro vezes ao ano, outros têm que vacinar o rebanho inteiro. O Paraná vacina apenas bezerros.

DNP - Por que o fim da vacinação ainda preocupa tanto os produtores?

AA. Há vários motivos, inclusive de ordem econômica para o produtor, mas uma das razões é a localização do Estado, com divisa com o Mato Grosso do Sul, que tem fronteira com o Paraguai.

DNP - O governo se antecipa na mudança do status e os produtores, pelo menos por enquanto, não querem. É certa esta queda de braço?

AA. Pelo menos estamos vendo o interesse dos dois lados para debater a questão até o fim. O governo, por meio da Adapar e da Secretaria da Agricultura, aceitou o debate e acho que os dois lados vão chegar ao que é melhor para a pecuária paranaense.

DNP - E o senhor está fazendo o papel de advogado do diabo?

AA. Não quero colocar água no chope de ninguém, mas a questão é uma faca de dois gumes: gado sem vacinação é gado suscetível de contágio, mas há também o lado bom.

DNP - Mas, é possível suspender a vacina?

AA. Os organismos internacionais, o mercado externo, o governo e os produtores esperam por isto. Eu, particularmente, acho que neste momento isto é um pouco perigoso, a crise econômica afeta a adoção das medidas necessárias.

**Matéria publicada no jornal O Diário do Norte do Paraná, Domingo, 19 de julho de 2015.*

Casa em Ordem

No final do mês de julho foram realizadas três palestras Casa em Ordem. No dia 20 de julho, em Nova Santa Barbara, para 19 alunos do Programa Empreendedor Rural (PER).

A primeira no dia 21 de julho foram dias palestras. A primeira no município de Primeiro de Maio, para 21 alunos do PER, e a segunda em Cambira, com a participação dos alunos do PER e das participantes do curso Mulher Atual. O instrutor dos alunos do PER é Alex Fernandes de Almeida. As palestras do Casa em Ordem abordam principalmente as dúvidas existentes sobre o preenchimento do Cadastro Ambiental Rural (CAR), e as alterações no Cadastro Rural do Incra. Além de questões específicas levantadas pelos produtores rurais. As palestras são ministradas pelo consultor da FAEP, Dalton Celeste Rasêra.



Abaixo a programação das palestras para o mês de agosto:

MUNICÍPIO	DATA	HORÁRIO	LOCAL DA PALESTRA
Céu Azul	03/ago	8 hs	Sindicato Rural - Rua Duque de caxias, 245
Mamborê	04/ago	19 hs	CAR - Rua Vereador Sidnei Barth, 589
Palotina	05/ago	8 hs	Sindicato Rural - Av. Independência , 1584
Cascavel	06/ago	8 hs	Comunidade Nossa Senhora Salete
Matelândia	07/ago	8 hs	Sindicato dos Trabalhadores Rurais - Rua Minas Gerais 176
Ivaté	19/ago	8 hs	Sindicato Rural - Av. Rio de Janeiro, 2921
Missal	20/ago	8 hs	Escola do Trabalho - Rua Dom Pedro I , 225
São Miguel do Iguçu	21-ago	8 hs	Sindicatdo Rural - Rua Vanio Ghellere,164
Marialva	26/ago	19 hs	Sãoa Miguel do Cambuí - Estrada Marialva km 20
Boa Ventura de São Roque	26/ago	9 hs	Rodovia PR 466 km 51
Santo Antônio da Platina	27/ago	13 hs	Sindicato Rural - Av. Oliveira Motta 671
Assaí	28/ago	14 hs	Sindicato Rural - Rua Bolívia, 353
Pitangueiras	28/ago	8 hs	Prefeitura Municipal
Maringá	29/ago	8 hs	Sindicato Rural - Rua Piratininga, 391
Cantagalo	31/ago	9 hs	S.R. Extensão de Base - Rua Olavo Bilac, 59

Um novo Projeto Político Pedagógico

O PPP será concluído em dezembro e terá a participação de gerentes, técnicos, instrutores e mobilizadores sindicais



O SENAR-PR deu início ao processo de construção do seu Projeto Político Pedagógico (PPP) que dará a diretriz para os trabalhos da instituição. A partir dele serão definidos seus objetivos, metas e como serão desenvolvidas suas ações de educação para atingir esses propósitos. A discussão sobre o assunto iniciou em julho, em Curitiba, quando diversos profissionais do SENAR-PR estiveram, de 20 a 23 de julho, reunidos numa oficina no Hotel Lizon para dar início a construção do projeto.

“Hoje o mercado de trabalho exige do trabalhador novas funções, além do domínio técnico como: pensar seu ambiente, tomar decisões, resolver problemas, etc.. Isso pressupõe novos desafios na oferta de educação profissional, que instituições como o SENAR-PR, oferece. Nesse processo está prevista a revisão de currículos com base nas novas demandas do mundo do trabalho”, explica a educadora e especialista em Metodologias

de Ensino Profissionalizante, Dalva Angelina Steil da Silva, que está coordenando o projeto.

“Quando foi criado há 20 anos, o SENAR-PR tinha o foco voltado para a instrução e alguns cursos direcionados à formação profissional. Hoje o mundo do trabalho é outro, mais tecnológico, onde se exige que o trabalhador pense e entenda o porquê está fazendo. Por isso, iniciamos esse processo de realinhamento pedagógico. Vamos construir o PPP também com o desafio de prever o perfil do produtor rural daqui a 15 ou 20 anos”, avalia Humberto Malucelli Neto, superintendente do SENAR-PR.

Até o momento o SENAR-PR atuou com base em algumas diretrizes pedagógicas como: a

série de Metodologias do SENAR-Nacional; as propostas do Planejamento Estratégico de 2008; as diretrizes próprias do SENAR-PR e algumas normativas que determinavam a prática pedagógica nos documentos da ISO.

“A ideia agora é construir o PPP envolvendo todos os atores /profissionais no processo – gerentes, supervisores, técnicos, instrutores, mobilizadores dos sindicatos. Esse documento apresenta conceitos, expectativas, definições, enfim, toda a base conceitual que o SENAR-PR vai dispor para oferecer cada vez mais uma educação de qualidade, que seja referência em excelência”, diz a consultora pedagógica do SENAR-PR, Patrícia Torres.

A próxima etapa inclui vários encontros de pequenos grupos com a participação de instrutores e mobilizadores. A conclusão do PPP está prevista para dezembro.

Negociação de dívidas com governo do Estado

Programas incluem todo tipo de tributos

O governo do Paraná criou mecanismos para recuperar créditos de vários tributos, mesmo que já estejam sendo executados judicialmente ou inscritos em dívida ativa. São eles, o Programa de Parcelamento Incentivado (PPI), para quem tem pendências de ICMS, e o Programa Incentivado de Parcelamento de Débitos (PPD), para quitação de outros tributos com fatos geradores ocorridos até 31/12/2014 como Imposto de Transmissão Causa Mortis e Doação (ITCMD) – incidente por exemplo em doações com reserva de usufruto, IPVA, taxas de qualquer origem e multas administrativas, incluindo ambientais, além de multas contratuais.

Em caso de negociação em parcela única o benefício é a exclusão de 75% sobre o valor da multa e 60% sobre o valor dos juros. Nos dois programas, o pagamento pode ser parcelado até 120 vezes com exclusão de 50% do valor da multa e de 40% do valor dos juros.

Para ingressar é necessário acesso pelo site da Fazenda e o reconhecimento da dívida, com atualização dos valores no dia da adesão ao Programa. O prazo para adesão é até 30 de setembro de 2015.

Informações fone: (41) 3200-5009 para Curitiba e região e 0800 41 1528 para as demais localidades ou pelo site www.ppd.pr.gov.br.



Produtores de Pirai do Sul vão à Hortitec

O Sindicato Rural de Pirai do Sul promoveu no dia 18 de junho, uma viagem técnica à Hortitec, considerada a maior e mais importante feira de horticultura da América Latina, realizada em Holambra (SP). Na ocasião eles puderam conferir as principais inovações tecnológicas para o cultivo de frutas, hortaliças, flores e demais culturas intensivas.

A feira apresenta mais de 300 estandes de empresas nacionais e internacionais nas áreas de tecnologia agrícola, ferramentas, estufas, embalagens, defensivos, fertilizantes, além de serviços, assistência técnica e muito mais. Os produtores do município conferiram as novidades do setor e trocaram experiências.

Paraná recolhe mais embalagens de defensivos em 2015

Aumento de 16% na comparação com o mesmo semestre do ano passado



No período de janeiro a junho deste ano, o Paraná recolheu 3.209 toneladas de embalagens de defensivos agrícolas nas 67 unidades de recebimento em todo o Estado. O volume representa um crescimento de 16% em relação ao mesmo período de 2014, quando foram recolhidas 2.762 toneladas. Os dados são do Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias (inpEV).

De acordo com o coordenador de operações do inpEV, Caio Fernandes, o aumento no recolhimento de embalagens de agrotóxico no Paraná não quer dizer que o Estado está consumindo mais produtos, mas sim que elevou a sua eficiência em relação ao processo de recolhimento, com maior agilidade na coleta de embalagens. Desde 2002, quando começaram as operações do Sistema Campo Limpo do inpEV, já foram destinadas mais 52.931 toneladas do material no Paraná. Em todo o país o volume foi de mais de 335 mil toneladas de embalagens ao longo de 13 anos.

Entre janeiro e junho de 2015 foram recolhidas 24.690

toneladas de embalagens vazias no Brasil. No Estado do Mato Grosso ocorreu o maior recolhimento de todo o país, com 5.841 embalagens. O Paraná aparece em segundo lugar e Santa Catarina em terceiro (2.617 toneladas de embalagens).

Recolhimento BHC

Desde 2012, a FAEP está trabalhando sistematicamente a questão do recolhimento de embalagens de agrotóxicos. O BHC (Hexaclorobenzeno) foi proibido em 1985 e muitos produtores depositaram remanescentes do produto em velhos paióis o enterraram. Para facilitar a sua eliminação das propriedades rurais de forma legal e sustentável, foi editada a Lei Estadual nº 16.082, de 17 de abril de 2009, que determinava o prazo de um ano de anistia para que o produtor fizesse a autodeclaração, ficando isento de multas.

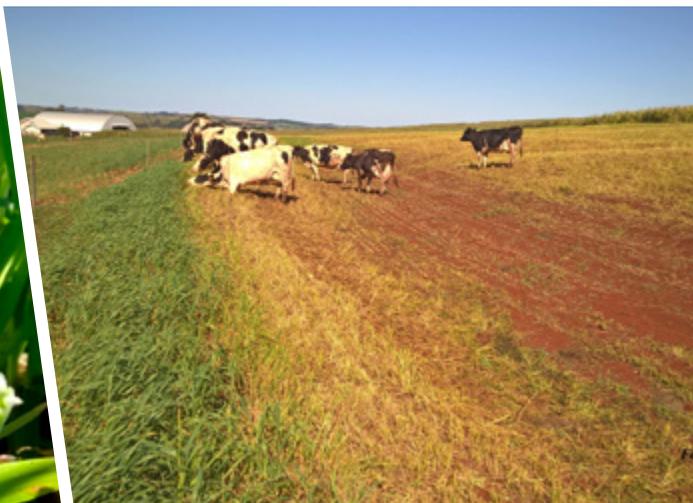
A FAEP iniciou, então, em 2012, uma grande campanha de divulgação do projeto e mobilização dos sindicatos para o cadastramento dos produtores que possuíam o BHC. Foram recolhidas 812 toneladas, mas constatou-se que, muitas vezes, a quantidade em poder dos produtores era superior a autodeclarada. Diante disso, foi assinado um Termo de Cooperação entre FAEP, Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Sema), Instituto Ambiental do Paraná (IAP), inpEV, Emater e Ocepar para recolher 392 toneladas já declaradas, finalizando a primeira etapa com 1,2 mil toneladas recolhidas. Uma nova lei permitiu uma segunda etapa de recolhimento ocorrida entre fevereiro e agosto de 2013.

Em março de 2014, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) premiou o projeto de retirada do BHC como exemplo de eficiência e de sucesso em gestão sustentável na agricultura. O projeto foi incluído na segunda edição do livro Gestão Sustentável, com outros sete exemplos de eficiência na agricultura.

Manejo correto garante alimento no pasto



A altura mínima de uma boa pastagem não pode ficar abaixo dos 12cm



Quando esta altura não é respeitada temos pastagens degradadas como esta

O inverno só termina no dia 21 de setembro. Durante a estação mais fria do ano, ganham importância na alimentação de bovinos as aveias brancas e negras, consideradas as principais forrageiras de inverno cultivadas no Brasil. Porém, para aproveitar todo o potencial dessas espécies é preciso administrar bem o espaço, tirando o gado do pasto na hora certa para não comprometer a capacidade de rebrota das plantas.

Segundo o pesquisador Elir de Oliveira, do Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), uma das principais autoridades em pastagens do país, a aveia é amplamente difundida no Brasil devido a suas características de qualidade nutricional, palatabilidade, capacidade de rebrota e ampla adaptação. Dentre as principais espécies cultivadas de aveia preta está a IAPAR 61, de ciclo longo, e outras cultivares precoces como IPR Cabocla, UPFa 21-Morezinha, Embrapa 139, Agroplanalto, entre outras.

De acordo com o pesquisador, devido ao crescimento ereto das aveias pretas, seu manejo deve ser diferenciado, respeitando o corte ou decapitação pelo bocado do animal a uma altura mínima de 12 a 15 centímetros do solo. “Isso protege o tecido de crescimento, o que permitirá um pronto rebrota dos filhotes com emissão de novas folhas e o repastejo pelos animais após 15 a 21 dias”, explica Oliveira. Ou seja, não se deve deixar o gado comer a aveia até a raiz, pois senão não haverá rebrota e o pasto estará condenado naquela temporada.

Aveia branca

As aveias brancas dividem-se entre as graníferas e forrageiras. As primeiras são especialmente desenvolvidas para alta produção de grãos e não se adaptam ao pastejo devido à sua baixa capacidade de rebrota, mas podem ser utilizadas para silagem de planta inteira ou produção de feno.

Já as cultivares de aveia branca forrageiras, segundo Oliveira, podem ter porte ereto como a IPR Esmeralda, porte prostrado, como a IPR Suprema, ou semi-prostrado como a IPR 126, Fapa 2 e FundacepFapa 43. Os materiais de hábito de crescimento prostrado ou semi-prostrado toleram um pastejo mais baixo, entre cinco e oito centímetros do solo, ou respeitando um resíduo foliar de aproximadamente 20%. A manutenção do resíduo foliar é importante para que a planta continue rebrotando após o período de descanso.

Ainda é hora de adubar

Elir alerta que as cultivares de aveia são exigentes em fertilidade do solo e respondem muito bem à adubação nitrogenada. Em cultivares de ciclo tardio e semi-tardio ele recomenda aplicação de 120 kg de nitrogênio por hectare em cobertura e de forma parcelada. Essa recomendação é importante, uma vez que o grande volume de chuvas lixiviou boa parte dos nutrientes, que devem ser repostos.

CANDÓI



Mulher Atual

Dia 9 de julho, na extensão de base do Sindicato Rural de Guarapuava, em Candói, aconteceu o encerramento do programa Mulher Atual realizado em parceria com a cooperativa Coamo. Participaram 22 produtoras rurais com a instrutora Ednilza Godoy Vieira. O gerente da Coamo, Nelsi Bonotto, ressaltou a importância do Mulher Atual para o despertar do empreendedorismo e identificar lideranças.

REALEZA



Plantas medicinais

O Sindicato Rural de Realeza realizou, em parceria com a Secretaria Municipal da Assistência Social de Santa Izabel do Oeste – em sua extensão de base, o curso Trabalhador no Cultivo de Plantas Medicinais - plantas medicinais, aromáticas e condimentares. Participaram oito produtores e produtoras com o instrutor Cláudio Holsten.

IBIPORÃ



Festa

No dia 10 de julho o Sindicato Rural de Iporã realizou a Festa Julina com os produtores rurais e o Grupo de Mulheres Atuais. O evento contou também com a presença de autoridades da cidade.

NOVA AURORA



Plantadeira

O Sindicato Rural de Nova Aurora realizou no dia 18 de junho o curso Trabalhador na Operação de Implementos-plantadeira e semeadeira. Participaram 12 produtores com o instrutor José Alcides Ferreira da Silva.

CIANORTE



IV Arraiá

O Sindicato Rural de Cianorte realizou no dia 11 de julho o seu IV Arraiá. Participaram associados, produtores rurais e familiares. Além das comidas típicas não faltou o sanfoneiro Aparecido Sarmento, que animou a festança.

SÃO JOÃO



Armazenista

O Sindicato Rural de São João realizou, de 6 a 10 de julho, o curso de Armazenista em parceria com a Coasul-Cooperativa Agroindustrial. Participaram 10 trabalhadores rurais com o instrutor Pedro Felipe Kastel.

CORNÉLIO PROCÓPIO



Produtos perigosos

O Sindicato Rural de Cornélio Procópio realizou o curso de Condutores de Veículos – DETRAN - Movimentação e operação de produtos perigosos – formação. Participaram 20 trabalhadores com o instrutor Rovani Dutra.

SERTANÓPOLIS



NR-33

O Sindicato Rural de Sertanópolis realizou, em parceria com a Seara Agroindústria, no dia 26 de junho, o curso Trabalhador na Segurança no Trabalho - NR 33 - atualização no trabalho em espaço confinado. Participaram oito trabalhadores com o instrutor Clovis Michelim Biasuz.

Uma simples foto



Se você tiver uma foto curiosa, expressiva, mande para publicação pelo email: imprensa@faep.com.br com seu nome e endereço.



Arroz e dinheiro

Como fazer arroz está entre as maiores buscas no google pelos brasileiros. Como ganhar dinheiro e como perder a barriga também estão no topo da lista de perguntas. O google oferece aproximadamente 10.200.000 resultados para como fazer o arroz e 6.070.000 de respostas sobre como ganhar dinheiro. Agora é só escolher a resposta.

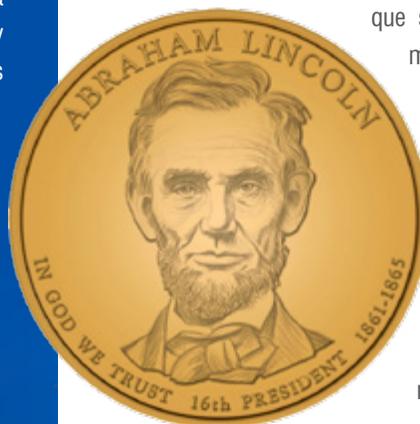
Segunda sem trauma

Entre os trabalhos considerados mais legais do mundo está o de caseiro de ilhas paradisíacas abertas ao redor do mundo. É que ser dono de uma ilha está na moda entre milionários como Leonardo di Caprio e Johnny Depp. Mas, como os proprietários tem outras atividades e não moram em suas ilhas particulares é necessário que alguém faça o serviço. Uma sugestão é procurar uma ilha na Grécia, há várias ilhas gregas que estão à venda com preços mais baixos e muitos novos proprietários a procura de um caseiro.



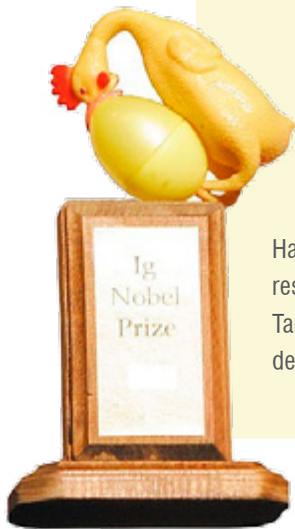
Entre os maiores

Na história da humanidade, existem pessoas que se diferenciaram e deixaram uma marca de liderança que supera séculos. Abraham Lincoln é considerado o maior presidente americano que já existiu. Foi o responsável por abolir a escravidão, administrar os Estados Unidos durante a Guerra Civil e modernizar a economia do país. Até hoje é citado como referência em monografias e discursos políticos.



Hipopotomonstrosesquipedaliofobia

Você é Hipopotomonstrosesquipedaliofóbico? O próprio nome já explica a fobia. É medo de palavras longas ou pouco comuns, como termos técnicos e médicos. A fobia está no medo de cair no ridículo ao pronunciar hipopotomomonstrosesquipedaliofobia de forma errada.



Prêmio IgNobel

Em 1991, a revista humorística *Annals of Improbable Research* criou o Prêmio IgNobel para prestigiar as descobertas mais estranhas. Distribuído anualmente num dos salões da Universidade Harvard, o Prêmio fez tanto sucesso na comunidade científica que é aguardado com um grau de interesse semelhante ao do verdadeiro Nobel. Entre os ganhadores de 2014, está Kiyoshi Mabuchi, Kensei Tanaka, Daichi Uchijima e Rina Sakai em Física por terem estudado as propriedades de deslizamento de uma casca de banana.



Gato correio

Para descobrir se os gatos teriam habilidade de localização, foi realizado um experimento na Bélgica em 1876. Foram soltos, fora da cidade, 37 bichanos. Menos de 24 horas todos estavam de volta aos seus lares, o mais rápido chegou em cinco horas. A conclusão foi de que o serviço postal de gatos era viável desde que se retirassem os cães do caminho.

23 mil anos de cevada e trigo

Um grupo de pesquisadores encontrou cevada e trigo de 23 mil anos em um assentamento de caçadores-agricultores no Mar da Galileia. O lugar é conhecido como Ohalo II, uma região de caçadores, pescadores e agricultores, que viveram no litoral do Mar da Galileia durante o Epipaleolítico, onde foram encontradas seis cabanas, um túmulo, partes bem conservadas de animais e plantas, assim como colares de pérolas do Mediterrâneo e utensílios de pedra. Os arqueólogos, botânicos e ecologistas que formam o grupo

de pesquisa são das universidades israelenses de Bar-Ilan, Haifa e Tel Aviv, em parceria com a americana de Harvard, publicaram um estudo na atual edição da revista científica "Plos One".



Hospedado num aquário

Pela janela você vê tubarões, arraias e peixes coloridos circulando. A vista é de uma das duas suítes submersas do Hotel Atlantis The Palm, em Dubai. As suítes Netuno e Poseidon, tem três andares, e as janelas cobrem toda a extensão da parede no quarto e no banheiro. Algumas partes do hotel, como o lobby, também estão submersas, e perambular pelos halls farão você se sentir dentro de um aquário.



Sumiço

- Seguiu o meu conselho e dormiu de janela aberta?
- pergunta o médico.
- Segui – responde o paciente.
- E a asma desapareceu?
- Não, mas o relógio, a TV, o iPod e o laptop sumiram.

Ter amigos aumenta expectativa de vida em 50%

As relações sociais, ou a falta delas, constituem um fator importante de risco para a saúde, concorrendo com o efeito de fatores de risco bem estabelecidos como tabagismo, pressão arterial, obesidade e falta de atividade física.

O artigo dos professores da Brigham Young University (BYU) Julianne Holt-Lunstad e Timothy Smith, publicado na revista Plos Medicine, relata que as conexões sociais – amigos, família, vizinhos ou colegas – melhoraram nossas chances de sobrevivência em 50%.

A baixa interação social equivale a fumar 15 cigarros por dia e a ser um alcoólatra. É mais prejudicial do que não se exercitar e duas vezes tão prejudicial quanto a obesidade. Para os pesquisadores o estudo apontou que há muitos caminhos através dos quais amigos e família influenciam a saúde para melhor, que vão desde um toque para acalmar até ajuda para se encontrar um sentido na vida.

“Quando alguém está conectado a um grupo e se sente

responsável por outras pessoas, aquele senso de propósito e significado se traduz em cuidar melhor de si e se arriscar menos,” afirmou Holt-Lunstad.

Ao analisar os dados, os pesquisadores tiveram cuidado em avaliar se os resultados foram impulsionados principalmente por pessoas que se ajudaram mutuamente na idade adulta. “Esse efeito não é isolado para adultos mais velhos. Relacionamentos fornecem um nível de proteção em todas as idades”, apontou o estudo.

As conveniências modernas e a tecnologia podem levar algumas pessoas a pensar que redes sociais físicas não são necessárias. “Como seres humanos nós vemos relacionamentos como algo certo – somos como peixes que não notam a água,” afirmou Smith. “Essa interação constante não é apenas benéfica psicologicamente, mas diretamente para a nossa saúde física.”



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

SISTEMA FAEP



SISTEMA FAEP/SENAR-PR

FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2169-7988 | Fax: 41 3323-2124 | www.sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br
SENAR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba | Paraná |
F: 41 2106-0401 | Fax: 41 3323-1779 | www.sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

A versão digital deste informativo
está disponível no site:

sistemafaep.org.br